

Resenha de *La cuarta ola: Líderes, fanáticos y oportunistas en la nueva era de la extrema derecha*

Recepción

26 | noviembre | 2025

DOI: <https://doi.org/10.32870/cl.v2i35.8169>

Aceptación

08 | enero | 2026

Laura Brusso Rossi*

ORCID: 0009-0007-1208-8408

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil



O livro *La cuarta ola: Líderes, fanáticos y oportunistas en la nueva era de la extrema derecha*, foi publicado em 2024 pela editora argentina Marea Editorial, e escrito por Ariel Goldstein (CONICET, Instituto de Estudios de América Latina y el Caribe (IEALC/UBA)). O texto resenhado faz parte de uma série de livros chamada “História Urgente”, composta por obras que buscam promover uma reflexão crítica sobre o presente, articulando memória, política e cultura, para compreender as continuidades e rupturas que moldam a realidade contemporânea. “*La cuarta ola*” se encontra nessa coleção como um instigante trabalho que se debruça sobre as transformações e estratégias recentes da extrema direita e suas conexões globais.

A partir de uma perspectiva sociopolítica e comunicacional, e com um maior foco nas dinâmicas latino-americanas, é analisado como líderes como Jair Bolsonaro, Javier Milei, José Antonio Kast e Rafael López Aliaga expressam uma nova etapa de reorganização

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais (PPGEEI - UFRGS). Graduada em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Contacto: rossiblaura@gmail.com

Brusso, L.

das extremas direitas, caracterizada pelo uso intensivo das redes sociais, pela narrativa religiosa e pela articulação transnacional de discursos autoritários e de redes de extrema direita. Assim, o autor propõe compreender essa “quarta onda” na América Latina como um fenômeno composto por redes transnacionais de direita radical e pelo forte impacto das mídias sociais na mobilização de populações em torno de seus movimentos, líderes e partidos.

O livro é organizado de forma a introduzir o entendimento da quarta onda, e suas características, a partir da América Latina. Ao longo da obra se destacam exemplos de lideranças, movimentos e partidos de extrema direita fora da América Latina, por exemplo, Steve Bannon, o Partido Republicano e Donald Trump nos Estados Unidos e o partido Vox na Espanha. Contudo, ligando-se o papel de tais lideranças e movimentos como parte de uma rede global de extrema direita, e, assim, é ressaltado suas conexões com seus pares latino-americanos. Dessa forma, o autor ressalta práticas da extrema direita, retomadas por meio de exemplos ao longo da obra, como a articulação de retóricas de medo e pânico moral em torno de ameaças contra a “liberdade” e o avanço do comunismo, a fim de legitimar projetos autoritários e retrógrados.

O primeiro capítulo, “*una tipología de los movimientos de derecha radical*”, é dedicado a desenvolver um mapeamento dos atores internos da extrema direita. Aqui, trata-se do papel do líder central, suas estratégias de articulação política e legitimação de discursos excludentes e de estigmatização de minorias sociais, convertendo ressentimentos em unificação em torno do seu projeto político, e se apresentando como “salvador da nação”. A camada intermediária dos movimentos é ocupada pelos oportunistas, jornalistas, empresários, ou políticos de carreira, que se alinham ao líder buscando benefícios pessoais. Nas minorias dos movimentos é apontada a presença dos fanáticos, que participam em torno da alimentação de narrativas de “guerra moral”, de discursos de ódio e do fervor ideológico. Além disso, trata-se da aliança entre a extrema direita e corporações, grandes empresários, igrejas e fundações internacionais. Por fim, aborda-se o papel dos microempreendedores políticos, no qual se descrevem *influencers* e “gurus” políticos, que atuam por meio de redes sociais propagando discursos reacionários e preconceituosos em larga escala. De acordo com o autor, esses atores compõem um ecossistema digital de extrema direita com estrutura piramidal e relação simbiótica com os líderes políticos.

O segundo capítulo, “*la hibridación religiosa en la derecha radical*”, analisa estratégias no qual diferentes discursos e tradições religiosas são utilizadas, e misturadas, a fim de promover projetos políticos. Isso parte da constatação do uso da religião como um legitimador de moralidade e de justificação para o autoritarismo, visto a utilização de linguagens de medo e construção de inimigos engajada pela extrema direita. Frente a isso, entre os exemplos explorados na obra, olha-se para o caso do Brasil, em que a capitalização de discursos moralistas voltados a esfera evangélica, assim como a mobilização de igrejas neopentecostais - e a aliança e apoio de pastores e lideranças religiosas - foi essencial para garantir a vitória eleitoral de Bolsonaro em 2018.

O terceiro capítulo, “*la internacional reaccionaria: ¿“libertarios”, “conservadores” y “patriotas” unidos?*”, desdobra-se em torno da articulação transnacional da extrema direita, denominada aqui como uma “internacional reacionária”. Essa rede global tem como atores *think tanks*, lideranças políticas, *influencers* e diferentes fundações e corporações. Aqui, descreve-se um extenso trabalho de mapeamento de agentes e influências por trás das Conferência de Ação Política Conservadora (CPAC) na América Latina, especialmente a CPAC México, de 2022. O autor expõe, por meio de discursos diretos de atores da extrema direita ligados ao evento, a visão de necessidade de união internacional da extrema direita com o intuito de conter avanços progressistas e de partidos de esquerda. Frente a isso, o movimento é unificado por lemas como “Deus, pátria e família”, articulando uma agenda ideológica comum como foco religioso, nacionalista e libertário. Nesse

sentido, o sincretismo religioso conservador é retomado como um elemento unificador, articulado de modo a legitimar lideranças messiânicas - como foi feito na eleição de Milei e Bolsonaro - e sustentar um discurso de identidade nacional excludente.

A dimensão espiritual e moral articulada ideologicamente pela extrema direita permite unir grupos distintos sob uma narrativa comum de inimigos compartilhados, representados pela esquerda, o multiculturalismo e movimentos progressistas como o feminismo, o movimento negro e os movimentos LGBTQ+. A construção de tais bodes-expiatórios, postos como culpados por crises sociais, políticas e econômicas, também são posicionados como ameaças ontológicas à identidade nacional conservadora promovida por lideranças de extrema direita. O autor trabalha essa esfera ao olhar para o caso da eleição de Milei, no qual pontua a repetição de padrões discursivos entre atores de extrema direita, como Bolsonaro e o partido Vox, referentes ao desenvolvimento de inimigos comuns, nesse caso, o kirchnerismo que é descrito como uma “organização criminoso”, bem como pela presença da retórica “anticomunista” e o posicionamento do líder como representante do povo, o único capaz de o proteger e defender a liberdade.

O quarto capítulo, “*teorías conspirativas y asaltos golpistas*”, analisa a utilização de teorias da conspiração como alavancas de desinformação e de mobilização com base em medo e coesão emocional. O papel de tais teorias se dá diretamente na construção de narrativas de inimigos internos e externos, direcionando os sentimentos do público-alvo a favor de projetos de extrema direita posicionados como às únicas alternativas de enfrentamento aos “perigos” apresentados. É nesse contexto que se encontram eventos como a invasão do Capitólio nos Estados Unidos em 2021, assim como a invasão ao Congresso Nacional, o Supremo Tribunal Federal (STF) e o Palácio do Planalto no Brasil em 2023. As tentativas de golpes à democracia estadunidense e brasileira foram representativas da consolidação de um imaginário conspiracionista, baseado em retóricas de “ideologia de gênero”, “globalismo” e “marxismo cultural” e de acusações de fraudes eleitorais. Dessa forma, Goldstein reforça a argumentação construída ao longo do livro elencando tais fatores como constitutivos de uma estratégia discursiva transnacional de atores de extrema direita, e suas conexões com corporações aliadas (no caso brasileiro, o agronegócio), além de como mobilizadores sociais ao criarem percepções de ameaças existenciais. Logo, a força dessas teorias em sua capacidade de engajamento emocional, promovendo uma identidade coletiva baseada na crença de luta do “bem contra o mal”.

O quinto capítulo, “*Perú: la derecha radical en transición a un orden autoritario*”, tem como foco o caso peruano como um exemplo de transição autoritária de governo na América Latina. Isso é visto a partir da queda do governo de Pedro Castillo, em 2022, e a ascensão de Dina Boluarte, em um cenário de repressão de demandas populares por novas eleições e endurecimento do autoritarismo e do papel das forças armadas no controle social. Compartilhando semelhanças a outros casos na América Latina, a oposição a Castillo e aos chamados “caviares” e ao “comunismo” agiram como instrumentos de coesão e unificação da extrema direita em torno de objetivos comuns, trazendo-a uma posição de mainstream a partir do seu acolhimento da nova liderança presidencial. Goldstein, em suas conclusões acerca da experiência peruana, destaca a utilização da violência estatal contra mobilizações sociais contrárias a Boluarte como uma ferramenta de manutenção de uma economia de exclusão e que atende as elites e grandes corporações. Por meio disso, transforma-se a ordem política a fim de legitimar a repressão e as medidas autoritárias da extrema direita.

Ao retomar a semelhança do Peru aos acontecimentos similares no passado político da região, também marcados por ascensões autoritárias e de forte violência estatal contra a população - como as ditaduras militares - após períodos de avanços progressistas na sociedade, algumas perguntas podem ser levantadas sobre o

Brusso, L.

desenvolvimento de governos de extrema direita latino-americanos. As marcas deixadas pela violência histórica presente entre populações latino-americanas, tanto estatal quanto civil, deixaram heranças de sentimentos de insegurança ontológica e desconfiança nas instituições que facilitam o crescimento do autoritarismo, e, assim, da extrema direita? Até que ponto a memória coletiva dessas violências influencia as percepções sociais sobre ordem, segurança e estabilidade política? E, por fim, seria possível pensar em processos de fortalecimento institucional e da participação civil capazes de contrapor com narrativas históricas de medo, exclusão e autoritarismo que atravessam a experiência política latino-americana?

Frente a atuação da extrema direita na articulação de discursos de medo, desastre e, ao mesmo tempo, oferecendo soluções e propostas a esses mesmos dilemas, o epílogo do livro aponta a necessidade de que haja uma oposição com posicionamento propositivo. Se a extrema direita promove identidades e a mobilização social por meio da dualidade narrativa (medo e esperança), construindo-se bodes-expiatórios a crises socioeconômicas e atacando diretamente a oposição como “inimigos nacionais”, cabe a oposição fornecer tantas respostas quanto seus adversários de direita. A incapacidade de muitos partidos de esquerda de pautarem eleições e, ao mesmo tempo, oferecerem a narrativa discursiva de esperança e oportunidade por meio de seus projetos políticos, é um fator que afeta diretamente também suas capacidades de mobilização e adesão eleitoral.

De forma geral, a obra de Ariel Goldstein se destaca por oferecer uma perspectiva inovadora sobre as ondas de ascensão da extrema direita, ao direcionar o olhar analítico para a América Latina e seus protagonistas. Ao fazê-lo, o autor se contrapõe às abordagens dominantes que priorizam o Norte Global, especialmente os Estados Unidos e a Europa, como centros de irradiação desses movimentos. Embora Goldstein não mencione explicitamente os estudos de Cas Mudde (2019) sobre as ondas da extrema direita e as classificações desse movimento, sua análise dialoga indiretamente com eles ao deslocar o foco geográfico e evidenciar dinâmicas da extrema direita latino-americanas, que muitas vezes são rebaixadas em relação às experiências do eixo EUA-Europa em literaturas tradicionais

Dessa maneira, o livro oferece contribuições significativas para os estudos sobre a extrema direita no Sul Global, sistematizando atores, narrativas, estratégias políticas e redes transnacionais que articulam o campo conservador e autoritário na região. Ao considerar tanto os eventos internos quanto as conexões internacionais - especialmente com o Vox e o partido republicano - o autor levanta reflexões sobre o fluxo de influências ideológicas entre esses contextos. Em que medida a extrema direita latino-americana é moldada por referências externas, e até que ponto ela também exporta discursos, práticas e estratégias políticas que possuem capacidades de influenciar, em mesma medida, grupos de extrema direita internacionais? Em síntese, considerando-se os levantamentos do livro em questão, cabe-se perguntar se a América Latina atua apenas como receptora e incorporadora de agendas ideológicas de extrema direita, ou se desempenha igualmente um papel ativo na sua construção, redefinição e exportação em escala internacional.

Referências

- Goldstein, A. (2024). *La cuarta ola: Líderes, fanáticos y oportunistas en la nueva era de la extrema derecha*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Marea Editorial.
- Mudde, C. (2019). *The far right today*. Cambridge: Polity Press, 2019.